

DF. Lago Paranoá

Perigo rondou o Lago Paranoá

Pane ocorrida terça-feira em dois transformadores paralisou tratamento de esgoto durante cinco dias

Geraldo Magela



Técnica da Caesb monitora tratamento de esgoto na ETE-Sul. Situação foi normalizada ontem

O Lago Paranoá, em Brasília, esteve perto de passar por problema parecido com o que sofre a Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro. Uma pane em dois transformadores de alta tensão da Estação de Tratamento de Esgotos da Asa Sul (ETE-Sul) da Caesb, paralisou um terço do tratamento dos 1.100 litros por segundo processados pela estação. Com isso, a eficiência do tratamento de esgoto caiu de 95% para 80%, e os moradores do Lago Sul, nas proximidades da estação, tiveram que conviver com cheiro de podridão.

Embora a pane tenha ocorrido na terça-feira passada, somente ontem diretores do Sindicato comunicaram o fato à imprensa. De acordo com o engenheiro de plantão nas estações de tratamento de esgotos da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb), Mauro Felizatto, as providências que foram

tomadas de imediato evitaram maiores prejuízos ao meio ambiente. A Companhia Energética de Brasília (CEB) substituiu um dos transformadores e outro foi cedido pela ETE-Norte.

A ETE-Sul, que trata os esgotos do Guará, Setor Sudoeste, Asa Sul, Lago Sul e SIA, ficou durante 50 horas com as colônias de bactérias aeróbicas (que fazem o tratamento biológico dos esgotos) sem receber oxigênio. Segundo o engenheiro Mauro Felizatto, o sistema de tratamento levará cerca de uma semana para voltar ao normal. Mauro explicou que esta foi a primeira vez, em sete anos de funcionamento, que a ETE-Sul sofre uma pane desta grandeza. As causas da pane estão sendo apuradas em conjunto por técnicos da CEB e da Caesb.

Para reduzir os problemas que seriam causados com o des-

pejo do esgoto bruto no Lago Paranoá, os técnicos da empresa aumentaram a quantidade de produtos químicos no tratamento dos dejetos (sulfato de alumínio e polieletrólito), o que evitou a contaminação das águas.

De acordo com o engenheiro Carlos Eduardo Borges Pereira, coordenador da ETE-Sul, logo depois que a pane nos transformadores foi detectada, os técnicos da empresa realizaram uma manobra operacional, para proteger as colônias de bactérias aeróbicas, que levam em média três meses para serem recompostas, caso elas tivessem morrido. Ele explicou que a pane no sistema elétrico atingiu a parte central da estação, onde é tratada a matéria orgânica em fase líquida, considerada por eles o "coração da estação".

JAIRO VIANA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA